

O MERCADÃO reúne várias histórias.  
Campinas, 14 jul. 1982.

Diário do Povo,

Talvez não exista em Campinas um lugar mais controverso, amado, odiado e mistificado, que o velho Mercado. Suas paredes seculares, seus habitantes cotidianos e suas redondezas, afinal de contas, registram uma parte significativa da história da cidade.

Plantado quase no coração de Campinas, o Mercado acompanhou de perto as mudanças viscerais pelas quais passou a cidade, desde o início do século.

Viu o fim dos bondes, o fim das charretes e o fim, até, de coisas bem mais coloquiais, como os vestidos rendados e engomados e o chapéu coco, do povo de antigamente. Mas viu, por outro lado, o surgimento das grandes avenidas, da civilização do automóvel e dos supermercados — que roubaram dali os consumidores das classes mais abastadas.

Mitos e lendas em torno de malandros legendários rondam o velho Mercado. Mas, como em todos os mitos, esses também resistem pouco aos fatos. Considerado por muita gente como o reduto da malandragem, e maldito por isso, o Mercado abriga, na verdade, um pessoal bem menos folclórico e muito mais real.

Para sentir isso, basta observar a intensa agitação que toma conta de seus corredores e calçadas, nas primeiras horas da manhã, quando o cheiro de café ainda nem começou a brotar dos bares próximos: são trabalhadores, gente simples do povo, em busca do sustento de cada dia.

#### Desfazer a imagem

É exatamente por isso que os comerciantes do velho Mercado empenham, hoje, em desfazer a imagem de "reduto de malandragem", que paira sobre aquele pedaço.

— Isso é conversa diz Antonio, antigo vendedor de bilhetes de loteria. Malandros existem por toda a cidade e eu que rodo por aí, posso dizer: por essas bandas, até que a coisa é muito mais tranqüila. Batedores de carteira, trombadinhas e trambiqueiros não vêm por aqui. Preferem os pontos onde circula gente de mais dinheiro".

Mas outras pessoas têm uma explicação um pouco mais complicada para toda essa história: em meados da década de 70, um grupo de estudantes da Faculdade de Arquitetura da PUC de Campinas, por exemplo, chegou a ensaiar um tímido protesto contra a trama urbanística que eles viam ser em torno do Mercado.

Segundo eles, a instalação de um terminal de

onibus deveria ser transformado em praça pública, ao lado do Mercado, e a aplicação de vultosos recursos em outras áreas consideradas "mais nobres" do centro da cidade, acabariam causando uma inevitável e negativa divisão na região central de Campinas: o Convivo e adjacências se transformaria num pólo comercial voltado para a classe média e alta, com seus grandes magazines, e as "quebradas do Mercado" ficariam relegadas às classes mais pobres

#### Divisão da cidade

Correta ou não, essa análise permeia os fatos e se mistura com muitas instalações dos vendedores, donos das bancas e comerciantes do velho Mercado.

— Hoje em dia, quem vem por aqui é gente mais pobre — diz Carlos Rodrigues, funcionário de uma das bancas de frutas dali.

E o velho fotógrafo, com a máquina lambelambe montada num tripé, na beira da calçada, concorda: "E, antigamente eu fazia fotos de noivas, de famílias que vinham à passeio. Hoje só tiro três por quatro para documentos. A vida aqui, por esse pedaço da cidade, mudou muito. Todo mundo apressado e sem dinheiro no bolso".

Os camelôs, vendedores de salgadinhos, de lenços, de medalhinhas e outros badulaques, também marcam de forma decisiva as calçadas que rodeiam o Mercado:

— Aqui não dá pra vender horrores — diz um deles, diante de uma mesinha com cortadores de vidro e descascadores de batatas — Mas esse pedaço é mais liberado. Se eu armar a banca lá pelos lados do Convivo, a polícia me toma a mercadoria na mesma hora.

E foram razões elementares como essa que levaram para as proximidades do Mercado um tipo singular de gente: o sanfoneiro cego, por exemplo, que grita com fluência de um tenor a sua saúdade do nordeste; o vendedor que oferece para os transeuntes com arrastado sotaque de turco, lenços coloridos pela bagatela de "três por cem" e uma infinidade de outros tipos. Alguns instalados ali de forma definitiva, outros simples viajantes.

E há, é claro, como não poderia deixar de ser, os malandros, gatunos e trambiqueiros, que se misturam com a massa de compradores, pelos corredores que cheiram forte a verdura nova e fruta fresca, em busca de um otário ou uma bolsa descuidada. Mas esses, garantem os comerciantes, são poucos.

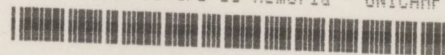




*Mercadão, conhecido como reduto da maladragem, conta histórias antigas...*

A administração: uma tarefa difícil





PRÉDIO foi quase demolido. Diário do Povo, Campinas, 14 jul. 1982.

## O prédio foi quase demolido

No ano passado, quando o professor Thomas Irving — especialista em História e Arquitetura do Oriente Médio na Universidade de Tennessee, EUA — visitou Campinas, ele ficou duas vezes impressionado com o velho Mercado.

Primeiro, quando viu o arco abobadado da entrada e alguns enfeites, confeccionados artesanalmente. Esse material foi criado sob uma fortíssima influência da arte e arquitetura muçulmanas. E, na sua opinião, se revestem do caráter de verdadeiras relíquias, verdadeiros marcos, na história da arquitetura brasileira do início do século.

Em segundo lugar, o professor ficou impressionado quando lhe disseram que, um dia, a administração pública de Campinas — talvez por ignorância desses detalhes — quase colocou abaixo o prédio do velho Mercado.

### A construção do prédio

Os historiadores contam que, desde a sua construção, o Mercado esteve intimamente ligado com as populações mais periféricas da cidade.

A própria idealização da obra, durante o governo do então intendente Francisco de Araújo Mascarenhas, em 1907, foi inspirada pelos sitiante e pequenos proprietários de terra, gente simples numa região de grandes fazendeiros.

Esses sitiante não tinham como armazenar suas colheitas e nem conseguiam vender os produtos, logo depois da safra. Por isso, a grande maioria da produção acabava se perdendo. Naquele tempo, existia em Campinas apenas o "Mercadinho" que depois foi transformado em "Casa das Andorinhas" e finalmente demolido.

Esse "Mercadinho" não tinha condições de comercializar a safra de todos os pequenos sitiante e por isso, exatamente no dia 1º de janeiro de 1907, foi lançada a pedra fundamental do Mercado.

### Abastecendo a cidade

Os historiadores, ainda, contam que no dia 12 de abril de 1908, quando o Mercado começou a funcionar, gente da cidade inteira foi até lá, para ver a obra — grandiosa para a época — em pleno funcionamento.

A partir disso, o movimento ali sempre foi intenso. Moradores da cidade inteira se abasteciam de gêneros alimentícios no Mercado. Sua localização, na época, era considerada um dos "arrabaldes" da cidade mas, na sua plataforma lateral onde hoje funciona o terminal de ônibus urbanos, se localizava a estação inicial "Carlos Botelho", da estrada funilense.